

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE À SITUAÇÕES DE MAUS-TRATOS À CRIANÇA: REVISÃO INTEGRATIVA

Cintia Wyzykowski¹

Daiane Pereira Mendonça Boaventura²

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de conhecer as publicações acerca da atuação dos enfermeiros frente a casos que envolvem maus-tratos à criança através de uma revisão integrativa. Para tanto, foram pesquisados artigos publicados no período compreendido entre janeiro de 2010 a junho de 2017, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados em Enfermagem (BDENF). Os Critérios de inclusão usados foram: artigos mais atualizados em relação à temática escolhida, selecionados por meio de pesquisas qualitativas, quantitativas, artigos completos de acesso online livres, no idioma português e que estejam relacionados com os descritores citados e que atendem aos objetivos do estudo. Critérios de exclusão foram: artigos em duplicidade de dados, literatura cinzenta e que não responderam à questão norteadora do estudo. Foram encontrados 67 artigos e após executar critérios de inclusão e exclusão, 07 artigos formaram a amostra final que se encaixaram nos itens propostos pela pesquisa. Esta pesquisa seguiu a Lei nº 9.610, de 1998, que regula os direitos autorais. Foi possível identificar seis temáticas que evidenciam a atuação do enfermeiro frente à situações de maus-tratos à criança, sendo elas: capacitação, notificação, prevenção, medo, rede de apoio e sinais de alerta. Chegou-se à conclusão de que os dados obtidos mostram que a maioria dos enfermeiros que atuam em casos de maus-tratos à criança encontram dificuldades em atuar nessas situações devido à insegurança no procedimento a ser feito e o medo de represália do agressor e familiares. Porém, é preciso solucionar essas dificuldades capacitando enfermeiros e equipe para atuar de forma adequada e eficiente nessas situações. Portanto, fica evidente a importância do enfermeiro como membro da equipe nas Unidades de saúde para atuar na prevenção e na identificação de sinais de abusos contra a criança e a importância do preenchimento da folha de notificação. Essas atitudes realizadas pelos enfermeiros auxiliam na diminuição de casos de maus-tratos que envolvam crianças.

Descritores: Enfermagem. Maus Tratos. Criança.

NURSE'S PERFORMANCE IN SITUATIONS OF CHILD MALTREATMENT: AN INTEGRATIVE REVIEW

Abstract: This paper intends to know what the scientific publications on nurses' practices in face of cases related to child maltreatment say through an integrative review. So, papers published between January 2010 and June 2017 were searched, which are available in the Virtual Health Library (VHL) - Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), in the following database: Latin American Literature in Health Science (LALHS) and in the Nursing Database

¹ Enfermeira, especialista em enfermagem pediátrica, mestre em enfermagem, professora da disciplina de saúde da criança, do curso de enfermagem da Universidade Feevale, doutoranda do PPG de Pediatria da Universidade federal de ciências da saúde de Porto Alegre.

² Enfermeira graduada pela Universidade Feevale.

(NDB). The criteria for inclusion in the search were: the latest papers on the chosen theme selected through qualitative and quantitative researches, complete papers of open-online access, written in Portuguese, that were related to the cited descriptors and that answered the objectives of the study. Excluding factors were: dual meaning data papers, non-scientific literature and that did not answer the purpose of the study. In the search, 67 papers were found after implementing the inclusion and exclusion criteria; 07 papers formed the final sample that fits the purpose of this research. This research followed the Copyright Act (law no. 9610/98). It was possible to identify six themes that show the role of nurses in situations of child maltreatment, namely: training, notification, prevention, fear, support network and warning signs. It was concluded that the data obtained show that most nurses who work in cases of child maltreatment find it difficult to act in these situations due to insecurity in the procedure to be performed and fear of reprisal from the aggressor and his/her family members. However, it is necessary to solve these difficulties by training nurses and staff to act appropriately and efficiently in these situations. Therefore, the importance of the nurse as a member of the team in the Health Units to act in the prevention and identification of signs of maltreatment against children and the importance of filling out the notification sheet is evident. These attitudes performed by nurses may help to reduce cases of maltreatment involving children.

Descriptors: Nursing. Maltreatment. Child.

INTRODUÇÃO

Maus-tratos à criança são, no mínimo, inexplicáveis, sejam eles de qualquer forma, pois crianças são frágeis, e situações de abuso causam graves consequências a sua saúde ao longo do tempo. Há muitos desafios para lidar com questões que envolvam a ordem moral de uma sociedade. No campo da saúde, é preciso ter atenção sobre a demanda desse tipo de atendimento, sobre a forma correta do enfermeiro na abordagem das ocorrências e sobre a sua prevenção. As diversas formas de maus-tratos contra a criança mostram a expansão de conhecimento que o enfermeiro deve ter, atuando diante desses casos (EGRY et al, 2017).

As situações de maus-tratos exigem uma abordagem precisa do enfermeiro para que se faça uma análise correta dos diversos tipos de maus-tratos para melhor atender à criança. É necessário que o enfermeiro saiba o que deve fazer nesses casos, pois a carência de conhecimento leva o profissional a pensar que, talvez, não se sinta preparado ou não possua treinamento suficiente (NUNES, SARTI, OHARA, 2009).

É importante avaliar que não existe somente a vítima, mas todo um contexto, que inclui o próprio agressor, os familiares e os conhecidos que vivem ou frequentam lugares em que ocorrem os maus-tratos. Situações como essas mostram que o enfermeiro deve estar engajado com estratégias e com capacitação para a abordagem desses casos (NUNES, SARTI, OHARA, 2009).

A criança desenvolve, em suas características, aspectos que retratam o abuso que sofreu e, através do atendimento emergencial e da consulta de enfermagem, esse paciente deve ser atendido de modo organizado e efetivo pelo enfermeiro (APOSTOLICO, HINO, EGRY, 2013).

Porém, existem muitos casos de atendimentos que envolveram maus-tratos à criança e corretamente, por forma de enfrentamento incorreto do enfermeiro, o que mostra, assim, a incapacidade de atuação do profissional nessas situações (APOSTOLICO, HINO, EGRY, 2013).

No ano de 2016, as denúncias relacionadas aos maus-tratos à criança e ao adolescente do Disque Direitos Humanos (Disque 100) totalizaram 144.580 casos, sendo negligência 37,6%, abuso psicológico 23,4%, abuso físico 22,2%, abuso sexual 10,9% e demais abusos 6%, dados que mostram que crianças e adolescentes tem seus direitos básicos atingidos (BRASIL, 2016)

O perfil de gênero mostra que as meninas são as maiores vítimas de maus-tratos com 44% dos casos e os meninos com 39%. A faixa etária entre 04 e 11 anos com 42%, entre 12 e 17 são 30% e de 0 a 03 anos são 18%. Os suspeitos de cometerem o abuso são, na maioria, a mãe, com 41%, e 18% o pai e a casa da vítima é o local onde é reunida a maior porcentagem dos abusos com 53%, seguido da casa dos suspeitos com 26%, dados que mostram elevados números de casos no país (BRASIL, 2016).

A equipe de enfermagem deve acolher a criança como um todo e estar preparada para enfrentar situações de maus-tratos, realizando também medidas de prevenção, auxílio no diagnóstico de casos e de situações de risco. Existem enfermeiros com problemas em notificar os casos de maus-tratos à criança em seu ambiente de trabalho porque a família esconde os fatos ou, porque muitas vezes, não se sentem preparados, não sabendo sobre políticas de saúde que defendam os direitos da criança (LEITE et al., 2016). Essa problemática vem crescendo e assim exigindo que o profissional enfermeiro esteja preparado, capacitado e apto para atuar em tal situação.

O profissional enfermeiro tem o dever de atuar corretamente em situações em que estejam acontecendo casos de maus-tratos à criança, fornecendo suporte e atendimento necessários a esse paciente e a seus familiares, contribuindo na prevenção e no diagnóstico do abuso para as devidas medidas cabíveis ao agressor.

Diante de casos como os descritos, surge a questão norteadora desse estudo: como se dá a atuação dos enfermeiros frente aos maus-tratos às crianças?

Por fim, esse estudo teve como objetivo: Conhecer as publicações, acerca da atuação dos enfermeiros frente aos casos que envolvem maus-tratos à criança através de uma revisão integrativa.

MÉTODODO

O estudo foi uma pesquisa integrativa da literatura proposta por Cooper (1982), estruturada em cinco etapas: formulação do problema, coleta de dados, avaliação dos dados coletados, da análise e da interpretação deles e a apresentação dos resultados.

Essa metodologia baseou-se no agrupamento de resultados obtidos de pesquisas primárias sobre o mesmo assunto, objetivando sintetizar e analisar esses dados para desenvolver uma explicação mais abrangente de um fenômeno específico (COOPER, 1982).

A coleta de dados deu-se entre julho e setembro de 2017 e foi realizada na Biblioteca Virtual

As questões éticas foram preservadas à medida que os autores dos artigos pesquisados foram referenciados no estudo, utilizando para citação e referência dos autores as normas técnicas para trabalhos científicos de Prodanov e Freitas (2013).

Esta pesquisa seguiu a Lei nº 9.610, de 1998, que regula os direitos autorais (BRASIL, 1998).

A coleta de dados deu-se entre julho e setembro de 2017 e foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados em Enfermagem (BDENF). Os descritores foram utilizados de acordo com Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “enfermagem”, “maus-tratos” e “criança”.

Os critérios de inclusão usados foram: artigos publicados no período de janeiro 2010 a junho de 2017 por serem artigos mais atualizados em relação à temática escolhida, selecionados por meio de pesquisas qualitativas, quantitativas, artigos completos de acesso online livres, no idioma português e que estejam relacionados com os descritores citados e que atendam aos objetivos do estudo. Critérios de exclusão: Artigos em duplicidade de dados e literatura cinzenta.

A avaliação dos dados foi elaborada a partir de um instrumento em que constaram os dados de identificação e as informações de cada artigo, tais como: título e ano, autores, origem dos autores, nome do periódico, descritores, tipo de estudo, objetivos, resultados e

limitações do estudo e conclusões. Os artigos amostrados após a leitura subsidiaram o preenchimento desse instrumento, fornecendo, assim, informações necessárias para a análise dos dados.

Os dados foram apresentados através de um quadro, com os artigos selecionados e sintetizados, conforme o instrumento de coleta, para que possa ser realizada a análise deles.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra final constituiu-se de 7 artigos (100%), todos nacionais, escritos no idioma de português. Quanto aos anos de publicações dos trabalhos, o de maior prevalência foi o ano de 2012, com 3 pesquisas (42,85 %), logo após o ano de 2013, com 2 estudos (28,57%), seguidos pelos anos de 2016 e 2017 com um artigo (14,28%) cada. Quanto à base de dados, três estudos foram apresentados na base de dados LILACS e quatro na BDENF.

Referindo-se aos maus-tratos à criança, a atuação do enfermeiro descrita pelos autores dos artigos utilizados neste trabalho, ficou evidenciada a partir das temáticas de capacitação, notificação e medo, sendo citados em cinco (5) dos (7) artigos, da amostra. Também foram citados pelos autores, prevenção e rede de apoio em três (3) dos sete (7) artigos e referindo-se a sinais de alerta em dois (2) dos (7) artigos.

O estudo realizado por Leite et al. (2016), fala que os enfermeiros não conseguem resolver situações de maus-tratos contra a criança pela grande quantidade de atendimentos e pela falta de capacitação. O pesquisador observou que a capacitação realizada pelo enfermeiro é indicada como item fundamental para que a equipe desenvolva a habilidade de perceber casos de maus-tratos que já ocorreram com a criança ou aquelas que estão em situações de risco.

Souza e Santos (2013), também mostram em seu estudo que a capacitação é uma atribuição do enfermeiro com alta importância para a equipe de enfermagem e também os agentes de saúde de USF, que contribuem positivamente como uma ferramenta na identificação de situações de maus-tratos que envolvam a criança se estiverem bem treinados. Destaca-se que trabalhadores com boa qualificação trazem vantagens para a comunidade.

Galindo et al. 2017, perceberam que enfermeiros que recebem uma formação acadêmica de qualidade, que conhecem e se interessam por ações educativas são os profissionais adequados para atuar, para prestar cuidados à criança que sofreu maus tratos.

Porém, muitas vezes, as famílias não querem expor nem a elas e nem a criança, o que leva muitos casos a ficarem encobertos.

Muitos enfermeiros desconhecem políticas públicas que amparam a criança em situações de maus-tratos, o que reforça a ideia de treinamento, afim de esclarecimento de dúvidas para atuação de forma efetiva e na detecção precoce dessas situações (BEZERRA, MONTEIRO, 2012).

Angelo et al. (2013), aponta em seu estudo que enfermeiros que atendem uma criança vítima de maus-tratos ficam revoltados e se sentem impotentes em seu atendimento. Refletindo sobre esses sentimentos, o autor ressalta que os enfermeiros precisam ser estimulados desde o local de sua formação e, já formados em seu ambiente de trabalho, sendo a capacitação o meio mais aconselhável para qualificar com a técnica e a ética necessária para esses atendimentos.

Em se tratando da temática de notificação, para Galindo et al. (2017), existem situações rotineiras de enfermeiros como a falta de conhecimento e, conseqüentemente, a negligência em relação a notificação. Consideram irresponsabilidade em notificar casos por não terem domínio e segurança de como devem atuar nesses casos, sendo que o enfermeiro é também responsável por realizar a notificação mesmo em casos de suspeita.

Angelo et al. (2013), diz que o enfermeiro deve realizar a notificação porém com qualidade, ou seja, com o preenchimento integral da folha de notificação afim de contribuir para que não haja recorrentes práticas de abusos contra a criança e que a não notificação em casos suspeitos é omissão e negligência. A notificação precisa de atenção, desde a suspeita até a confirmação de abuso, o que esse processo geralmente não é fácil, mostrando que o enfermeiro deve ter uma rede de apoio para auxiliar a criança e família.

Pinto et al. (2013), compreendem que os conceitos sobre tipos de maus-tratos nem sempre são tão fáceis de associar com o que crianças vítimas de abuso apresentam. O que agrava mais essa falta de conhecimento é que os enfermeiros não tenham tido uma abordagem adequada na graduação sobre esses assuntos, comprometendo a exata identificação e a notificação desses casos.

No estudo de Souza e Santos (2013), a notificação foi prejudicada pela possível falta de informações entre os enfermeiros e a rede intersetorial, demonstrando que não houve a devida valorização da ferramenta fundamental nesses casos, que é a folha de notificação.

Leite et al (2016), também demonstrou em seu estudo que enfermeiros enfrentam obstáculos para notificar casos que envolvam maus-tratos à criança, pois nesses casos além de

não terem informações relevantes muitas vezes da família, também relatam a forma inútil do Conselho Tutelar em conduzir esses casos, levando o enfermeiro a duvidar da eficácia da notificação feita.

Outra temática que ficou evidenciada foi a prevenção de maus-tratos. Souza e Santos (2013), em pesquisa realizada com oito enfermeiros de USF, mencionam a prevenção como forma de atuação mais eficiente para sensibilizar as famílias quanto maus-tratos com a criança. A importância e o dever do enfermeiro, juntamente com a comunidade, deve ser atuar com empenho e dar prioridade na prevenção de casos a fim de reduzir ocorrências.

Debater questões relacionadas a maus-tratos é uma forma de vencer desafios, de discutir e de organizar ações que busquem prevenir o abuso contra a criança, fazendo com que a atuação do enfermeiro modifique essa situação de maus-tratos. Abordar essas questões juntamente com a equipe na unidade reflete de forma positiva nas visitas domiciliares possibilitando uma forma de conscientização da proporção desse problema juntamente com a comunidade (GALINDO et al. 2017).

Fica evidente, em alguns dos artigos selecionados, que uma rede de apoio multiprofissional se torna salutar para o atendimento qualificado dos enfermeiros às crianças vítimas de maus-tratos, bem como, evidencia-se que o trabalho em equipe pode trazer maiores benefícios a essas crianças. Podemos perceber tal afirmação no estudo de Bezerra e Monteiro (2012), em que se observou que os enfermeiros sozinhos, ou seja, sem o apoio de uma equipe multiprofissional, como médico, assistente social e psicólogos, não têm condições de solucionar os atendimentos com crianças vítimas de maus-tratos e que precisam atuar juntos, unindo experiências de diversos profissionais de diferentes áreas, conselho e órgãos envolvidos, favorecendo a criança a atenção mais completa e eficiente possível nesses casos. Angelo et.al (2013), em seu estudo com enfermeiros que atuam em emergências, UTIs e internações pediátricas, trazem que a rede de apoio dentro do ambiente hospitalar pode ajudar o enfermeiro na identificação, na avaliação e encaminhamento de casos de crianças vítimas de maus-tratos, auxiliando no manejo correto com estas.

Já o estudo feito por Leite et al (2016), diz que um dos maiores desafios dos enfermeiros é o processo de trabalho com a rede de apoio, como o Conselho Tutelar. Ressaltam que essa dificuldade com o Poder Público limita a eficiência dos encaminhamentos e a supervisão realizada pelos enfermeiros em situações de maus-tratos à criança.

Ainda, fica evidenciada a importância do conhecimento técnico-científico dos profissionais que atuam em atendimentos às crianças em relação aos principais sinais apresentados por essas crianças e a adequada identificação deles.

No estudo realizado por Angelo et al. (2013), fica clara essa afirmação. A identificação de sinais de alerta surge com mais facilidade com a experiência profissional do enfermeiro, através do convívio com a criança e com a família através de alterações físicas e comportamentais na criança. Os sinais indicativos de abuso faz com que o enfermeiro necessite conquistar a confiança da criança com todo o cuidado e paciência, observando seus relatos e realizando o exame físico adequado.

Por fim, percebe-se nesse estudo a real importância da atuação do enfermeiro frente aos casos de crianças vítimas de maus-tratos. São esses profissionais, juntamente com uma equipe multiprofissional, os responsáveis pela adequada notificação, bem como pela capacitação das demais pessoas que poderão atuar frente a essa demanda. Saber identificar, notificar adequadamente, atender e dar suporte à criança vítima de maus-tratos, pode trazer um resultado muito favorável a essa criança e, assim, evitar danos maiores posteriormente na vida dela.

CONCLUSÃO

Esse estudo se mostrou necessário, pela evidencia da dificuldade que os enfermeiros apresentam em atuar nesses casos. Sendo assim, há a necessidade de atuação devidamente capacitada dos profissionais enfermeiros, juntamente com uma rede multiprofissional e órgãos envolvidos. Este estudo proporcionou o aumento de conhecimento em relação a atuação do enfermeiro em situações de maus-tratos à criança e a perspectiva de atuação dos enfermeiros para diminuir esses casos.

Os dados obtidos mostram que a maioria dos enfermeiros que atuam em casos de maus-tratos à criança encontram dificuldades em atuar nessas situações, devido à insegurança no procedimento a ser feito e o medo de represália do agressor e demais familiares. Porém, é preciso solucionar essas dificuldades capacitando enfermeiros e equipes para atuar de forma adequada e eficiente nessas situações.

Portanto, fica evidente a importância do enfermeiro como membro da equipe para atuar na prevenção e na identificação de sinais de abusos contra a criança e a importância do

preenchimento da folha de notificação. Essas atitudes realizadas pelos enfermeiros auxiliam na diminuição de casos de maus-tratos que envolvam crianças.

Por esse motivo, recomenda-se mais estudos que falem da atuação do enfermeiro frente aos casos de maus tratos à criança. Considera-se pequena a quantidade de artigos encontrados que tenham sido publicados por enfermeiros que atuam nessa temática. Espera-se que este trabalho de conclusão sirva para incentivar outros profissionais e futuros enfermeiros a estudarem o assunto, bem como a trabalharem em equipe para o cuidado à criança vítima de maus tratos, assim como na prevenção deste evento.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Margareth et al. Vivências de enfermeiros no cuidado de crianças vítimas de violência intrafamiliar: uma análise fenomenológica. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 585-592, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n3/v22n3a03.pdf>> Acesso em: 16 maio 2017.

APOSTÓLICO, Máira Rosa; HINO, Paula; EGRY, Emiko Yoshikawa. As possibilidades de enfrentamento da violência infantil na consulta de enfermagem sistematizada. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, p. 320-327, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n2/07.pdf>> Acesso em: 16 maio 2017.

BEZERRA, K. P.; MONTEIRO, A. I. Violência intrafamiliar contra a criança: intervenção de enfermeiros da estratégia saúde da família. **Rev. da Rede de Enf. do Nord.**, v. 13, n. 2, p. 354-64, 2012. Disponível em: <link>. Acesso em: 22 maio 2017

BRASIL. Secretária de Direitos Humanos. **Balanco Disque 100 de 2016: Apresentação Completa**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/disque100/balancos-e-denuncias/balanco-disque-100-2016-apresentacao-completa>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BRASIL. Governo do Brasil. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Entenda a lei de direitos autorais. Brasília, 22 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/entenda-a-lei-de-direitos-autorais>>. Acesso em: 16 maio 2018.

COOPER, H. M. Scientific guidelines for conducting integrative research reviews. **Review of Educational Research**, v. 52, n. 2, p. 291-302, 1982.

EGRY, Emiko Yoshikawa et al. Compreendendo a negligência infantil na perspectiva de gênero: um estudo em um município brasileiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 556-563, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n4/pt_0080-6234-reeusp-49-04-0556.pdf> Acesso em: 16 maio 2017.

GALINDO, N. A. D. et al. Violência infanto-juvenil sob a ótica da enfermagem. **Rev. de Enf. UPFE online**, v. 11, supl. 3, mar. 2017. Disponível em: <link>. Acesso em: 16 maio 2017

LEITE, Jéssica Totti et al. Enfrentamento da violência doméstica contra crianças e adolescentes na perspectiva de enfermeiros da atenção básica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, jun. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/55796>> Acesso em: 16 maio 2017.

NUNES, Cristina Brandt; SARTI, Cynthia Andersen; OHARA, Conceição Vieira da Silva. Profissionais de saúde e violência intrafamiliar contra a criança e adolescente. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, p.903-908, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v22nspe/12.pdf>> Acesso em: 16 maio 2017.

PINTO, Elizabete Cristina et al. Maus tratos físicos contra crianças e adolescentes: percepção da equipe de enfermagem pediátrica. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v. 7, n. 6, p. 4411-4420, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/4860>> Acesso em: 16 maio 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª Ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. E-book.

SOUZA, R. G. S.; SANTOS, D. V. Enfrentando os maus-tratos infantis nas Unidades de Saúde da Família: atuação dos enfermeiros. **Physy: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 783-800, 2013.